

SISMICIDADE HISTÓRICA EM PORTUGAL NO PERÍODO MEDIEVAL

MARISA COSTA

Historiadora
Bolsreira do ICIST
Lisboa-Portugal

JOÃO F.B.D. FONSECA

Prof. Auxiliar do IST
Investigador do ICIST
Lisboa-Portugal

SUMÁRIO

Entre os anos de 2005 e 2006 empreendeu-se uma investigação no âmbito do projecto POCTI/CTA/48252/04 (TAGUS2), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo FEDER. Tendo constituído objecto de estudo a sismicidade histórica em Portugal no período medieval, pretendia-se recolher o maior número possível de informações sobre ocorrências sísmicas em território nacional, mormente durante os séculos VIII-XV. A par de um imperativo levantamento de todos os dados conhecidos, por forma a apurar o respectivo estado da arte, o trabalho realizado contemplou duas linhas de actuação, centradas na consulta de fontes impressas, sobretudo numa primeira etapa das actividades, e na indagação de fontes manuscritas, já numa segunda fase.

Concluído o período de investigação previsto no projecto, divulgam-se agora os resultados obtidos essencialmente durante a sua primeira etapa, deixando-se para uma próxima ocasião a apresentação das notícias que necessitam de um tratamento histórico mais aturado. Para a devida compreensão desses resultados, procede-se igualmente a um breve enquadramento historiográfico e crítico, procurando-se ilustrar algumas peculiaridades detectadas, e a que se decidiu denominar «tradição histórica».

1. INTRODUÇÃO

Dois séculos e meio após o catastrófico e, por isso, celebrado terramoto de 1755, continuamos a sentir efeitos ao nível da memória e da história, quer do acontecimento setecentista, quer do fenómeno sísmico. No contexto das iniciativas científicas promovidas em Portugal para assinalar os 250 anos da efeméride, entre 2005 e 2006 realizaram-se diversos encontros de especialistas provenientes de diferentes disciplinas, alguns dos quais com efeitos rapidamente traduzíveis na edição de actas [1]. Pela mesma altura, publicaram-se várias obras colectivas com contributos de natureza e perfil diferenciados, reflexo, pois, da diversidade de áreas de investigação em que se inserem os respectivos autores [2].

Se é sempre desejável (diríamos mesmo, aconselhável) conciliar comemorações de eventos históricos com a elaboração, e conseqüente divulgação, de estudos que permitam algum avanço historiográfico, é também conveniente evitar a repetição de conteúdos há muito estabelecidos, pouco (ou nada) contribuindo efectivamente para o estado actual dos nossos conhecimentos sobre as temáticas desenvolvidas [3]. No quadro da sismicidade histórica em Portugal, aquele que aqui interessa, ocasiões como a que se viveu em 2005 deveriam ser bem aproveitadas no sentido de inverter semelhante tendência, mediante a execução de trabalhos minimamente inovadores, seja na perspectiva de análise, seja, e sobretudo, na metodologia e no rigor da investigação. A par do ideal teor inédito, poderiam esses trabalhos chamar a atenção para a pertinência (e, na verdade, real necessidade) de aprofundar o estudo, de preferência interdisciplinar, da sismicidade histórica em território nacional, mormente para cronologias mais recuadas.

2. ESTADO DA ARTE

Um bom exemplo do que propugnamos constitui o resultado da participação de duas historiadoras num dos encontros científicos ocorridos em 2005. Alicerçando-se num trabalho de maior fôlego que haviam empreendido há pouco mais de duas décadas, visando o estudo da sismicidade histórica em Portugal até ao ano de 1600 [4], Manuela Santos Silva e Maria do Carmo Pinto proporcionariam um novo olhar, porque diferente, sobre a

problemática dos terremotos na área geográfica de Lisboa [5]. Menos feliz, porém, mostrou-se a tentativa de Vasco Silva, em análoga proposta de análise regional, desta feita circunscrita a Coimbra, conquanto num arco temporal bastante mais restrito [6]. Algumas das dificuldades consubstanciadas no artigo deste investigador estão igualmente latentes num contributo recente de Maria José Tavares, que procurou traçar uma visão geral da história do clima português durante a Idade Média [7]. Se nos detivermos nas menções às ocorrências sísmicas constantes desse último texto, facilmente detectamos a escassez (em certos casos até, a omissão) de referências às fontes históricas conhecidas para um amplo período de quatro séculos.

À margem dos critérios metodológicos adoptados por cada um dos autores citados, bem como dos objectivos por eles alcançados, os seus trabalhos possuem um denominador comum que radica nas fontes disponíveis para o estudo do fenómeno sísmico, nomeadamente nas centúrias anteriores a Quinhentos. Essa disponibilidade não se limita nem à sua acessibilidade, nem ao seu conhecimento, porquanto depende também de uma localização, identificação, colação, tratamento e divulgação das fontes documentais. Numa palavra, dos resultados de uma investigação histórica. Logo, a actualização dos dados passíveis de análise e conducentes ao avanço do estado da arte em sismicidade histórica está intimamente ligada a um maior ou menor incremento do labor arquivístico, tanto heurístico como hermenêutico. A aposta nesse incremento é, por sua vez, proporcional ao propósito de indagação de informações verosímeis, fiáveis e, mesmo, verídicas para a elaboração de estudos em disciplinas tão variadas como a engenharia sísmica e a sismologia, a geofísica e a geologia, a arquitectura e o património, mas também a história económica, a história social, a história cultural e das mentalidades [8].

É, no entanto, muito difícil levar a cabo uma investigação histórica dentro desses parâmetros. Isto é, que incida prioritariamente na obtenção de notícias inequívocas para a sismicidade histórica no período medieval. As condicionantes são de vária ordem, ainda que pertencentes, na sua maioria, ao foro da história. Para além dos factores inerentes a qualquer iniciativa desse âmbito em todas as cronologias [9], desde logo será fundamental atender a questões conceptuais, tão importantes na compreensão e apreensão da mundividência medieval, cadinho da produção documental que, atravessando os séculos, nos legou os escritos com os quais é possível vislumbrar o passado através das «janelas» que o estudo histórico permite abrir, embora com vidros foscos e, amiúde, gastos pelo tempo [10]. Por se tratar de época remota e turva, subestimada e muito deturpada, gravitam à sua volta (pre)conceitos em nada consonantes com o que é, hoje, historicamente comprovado. No contexto que aqui interessa, convirá alertar para o desfasamento de definições como «descrição», «notícia» e «relato», «clareza» e «objectividade», entre outros vocábulos de emprego hodierno poucas vezes coincidente com a percepção coetânea da realidade medieva.

É um facto que o laconismo e a parcimónia, nas suas acepções actuais, consistem numa especificidade da nossa documentação medieval, colocando, pois, entraves à pretensão de qualquer projecto rigoroso de investigação histórica. A par das características internas próprias das fontes desse período, que não cabe aqui enunciar (mesmo porque as restrições de espaço não o autorizariam), haverá que considerar as características externas, como seja o estado de conservação de um documento escrito (o seu suporte ou material), podendo impossibilitar a leitura correcta do seu texto. Por outro lado, o desconhecimento de diversas particularidades pode dar origem a más interpretações que, depois de assimiladas, se difundem e se repetem, convertendo-se, com o tempo, em factos históricos. Em áreas de trabalho como a engenharia sísmica e a sismologia, será fácil imaginar o perigo de tal 'transformação' [11]. De modo que o universo documental da convencional Idade Média exige as maiores cautelas a qualquer investigador. Têm sido várias, e seculares [12], as advertências feitas aos principais obstáculos encontrados no estudo da sismicidade histórica nos séculos medievais [13].

Talvez por isso, nenhum dos projectos realizados nas últimas décadas em Portugal, com vista à constituição de um catálogo sísmico nacional [14], incluiu nas suas actividades uma investigação dedicada à documentação medieval manuscrita, isto é, aquela que, por ser inédita, poderia aduzir mais informações pertinentes (quem sabe se, até, alguns dados reveladores) ao elenco sísmico que começou a ser estabelecido em meados de Setecentos [15]. De um modo geral, as fontes coevas a que os investigadores desses empreendimentos têm recorrido para as cronologias medievais são há muito conhecidas da comunidade científica portuguesa, certamente porque também há muito publicadas. Apesar de esse facto não diminuir o valor das notícias aí veiculadas (mesmo porque as fontes são sempre exíguas), a sua utilização quase exclusiva tornou-se entretanto contraproducente, porquanto semelhante recorrência afigura-se dissuasora de ulteriores iniciativas de investigação. Como se as fontes amplamente citadas, posto que raramente consultadas, esgotassem os fundos documentais da nossa Idade Média.

Ainda por causa ou consequência das dificuldades intrínsecas, parte das quais supramencionadas, verifica-se também que os estudiosos da sismicidade histórica em épocas mais recuadas tendem a cingir-se às informações facultadas por numerosas obras impressas, vulgarmente (e, a nosso ver, excessivamente) identificadas como fontes primárias para o período medieval. De entre esse generoso número não há, na verdade, títulos contemporâneos dos acontecimentos (basta recordar a data de invenção da imprensa), o que, naturalmente, não invalida o seu préstimo para o tema em apreço. Todavia, requer um extremo cuidado na aplicação das notícias registadas, sobretudo quando carecentes de suporte documental. Seja como for, a sua abundância tem proporcionado a elaboração de instrumentos de trabalho como o significativo levantamento efectuado entre 1981 e 1983 (ver [4]), e do qual beneficiariam tanto os artigos de Victor Moreira (ver [11]), como a valiosa colectânea publicada em 1988-1989, coordenada por Maria do Rosário T. Barata (ver [14]). Destes contributos têm dependido praticamente todas as digressões e análises em sismicidade histórica (não apenas no período medieval), aparecendo citados bastantes vezes, mais em estudos de engenharia sísmica, sismologia e geofísica [16], e menos em estudos de história, quiçá porque produzidos em menor número [17].

3. DADOS COLIGIDOS

Decorrente da sua grande utilidade, qualquer desses instrumentos de trabalho se tornaria também um elemento indispensável para o projecto de investigação que deu corpo ao presente texto. Se os artigos de Victor Moreira se revelaram úteis numa primeira fase da pesquisa, nomeadamente para a identificação de um ponto da situação do objecto de estudo, seriam o levantamento de 1983 (a que tivemos acesso por via das respectivas autoras) e, em menor escala, a colectânea de 1989 a proporcionar um considerável auxílio na tarefa de rastreio das obras impressas. Porque o objectivo primeiro da investigação residia na recolha do maior número possível de notícias referentes a ocorrências sísmicas em Portugal durante as centúrias medievais, a prioridade recaiu então nas informações contidas nas fontes coetâneas. Interessava localizar e inquirir todos os documentos já editados, de datação posterior ao século VII, pelo menos, por forma a abarcar o obscuro período marcado pela presença muçulmana no território nacional.

Em contrapartida, verificou-se uma gradual necessidade de alterar as balizas cronológicas inicialmente estabelecidas na linha do que a historiografia há muito determinara. Mediante, por um lado, os dados que iam sendo coligidos e, por outro lado, as peculiaridades de um estado da arte que se ia definindo, decidiu-se estender a data convencionalmente aceite para o termo da Idade Média, fixando-a, então, no fim da terceira década de Quinhentos, já no reinado de D. João III, para todos os efeitos pertencente à designada época moderna, de índole renascentista. A principal razão para essa fixação deveu-se, em boa verdade, ao estado actual dos conhecimentos sobre o terramoto de 26 de Janeiro de 1531. Graças, aparentemente, a uma maior riqueza de fontes documentais, facilitando o tratamento e o estudo das informações, poder-se-á entender esse importante acontecimento como o primeiro sismo histórico passível de análise pormenorizada, ultrapassando, assim, a categoria de simples facto. Com efeito, a ocorrência de 1531 não só mereceu uma monografia em 1988, como tem sido avaliado numa perspectiva sismológica, chegando-se mesmo a precisar a sua intensidade sísmica e as suas coordenadas epicentrais [18].

Os resultados obtidos no decurso da investigação impeliriam, ainda, a algumas alterações nos vectores de pesquisa traçados no começo. Apesar da preferência dada, numa primeira etapa dos trabalhos, à consulta das fontes medievais editadas, como sejam os registos analísticos e cronísticos [19], bem como, numa segunda fase, à averiguação das fontes manuscritas coevas [20], afigurou-se imperativo recorrer a obras posteriores. Limitando-se forçosamente a edições, esse recurso deveria, porém, processar-se de forma diacrónica, isto é, avançar-se-ia por séculos na consulta dos mais diversos tipos de obras, em função da acessibilidade a livros quinhentistas, seiscentistas e setecentistas, sobretudo se publicados fora de Portugal. Desse modo, voltou-se a utilizar os instrumentos de trabalho mencionados, com destaque para a colectânea de 1988-1989 (ver [14]), por não ter sido possível compulsar várias obras aí inscritas. De entre as abundantes referências, citações e transcrições que essa colectânea disponibiliza, privilegiaram-se os títulos nacionais e, a seguir, os exemplares conservados em bibliotecas portuguesas. Após essa pesquisa, apurou-se que as compilações de 1983 e de 1988-1989 oferecem uma boa margem de credibilidade, ao ponto de possibilitarem, a nosso ver, o uso das informações sem grande receio de propagar erros graves. Maior precaução exigem, antes, certas notícias facultadas pelos autores da bibliografia compilada.

Por conseguinte, a conjugação de diferentes factores, alguns dos quais exógenos, pois, aos propósitos da investigação, acabaria por ditar os resultados que se consideraram pertinentes para uma apresentação nesta ocasião. Os dados agora divulgados, sistematizados na Tabela 1, foram obtidos, na sua maioria, a partir do cruzamento das notícias coligidas em investigação própria, mormente em fontes medievais, e das informações relatadas nas numerosas obras impressas, fora, pois, do arco temporal contemplado no projecto. Em virtude da complexidade do tratamento de muitas dessas notícias, sobretudo as constantes na documentação inédita (pelos motivos atrás enunciados), a sua inclusão aqui não seria exequível sem as imprescindíveis observações de enquadramento histórico, inclusive historiográfico. Além disso, o espaço disponível não permite desenvolvimentos porventura marginais aos objectivos deste Encontro, ainda que relevantes para a compreensão dos dados reunidos.

Assim sendo, a Tabela 1 foi estruturada em quatro elementos informativos, a saber, a datação, tão completa quanto possível, desde que notada na fonte; a área geográfica, amiúde mencionada de forma conjectural, seja por ilação da leitura do documento, seja por indicação bibliográfica; a fonte documental, elemento privilegiado de todo o projecto; e a bibliografia, disposta por ordem cronológica, seguida da(s) respectiva(s) página(s), e referenciada no final do texto, consistindo nas obras compulsadas quer em pesquisa própria, quer registadas na colectânea de 1988-1989 (omitiram-se as remissões ao levantamento de 1983 por não estar publicado). Um olhar atento pelas diferentes colunas permitirá ao investigador mais familiarizado com a temática verificar que, em grande percentagem, os dados apresentados são relativamente bem conhecidos, estando, em alguns casos, bastante difundidos em contributos anteriores, nacionais e estrangeiros, parte dos quais citados neste texto.

Todavia, esses dados baseiam-se tendencialmente em informação precisa, concreta. Ou seja, pretendeu-se lançar somente as notícias fidedignas, aquelas que, depois de tratadas, quando obtidas em fontes documentais, ou confrontadas e filtradas, se veiculadas em obras posteriores, podiam autorizar com alguma segurança estudos futuros sobre sismicidade histórica em Portugal no período medieval. Em prol do rigor histórico, foram aqui suprimidos os dados que suscitavam muitas dúvidas, ainda que integrados nas listagens da generalidade dos catálogos sísmicos ou publicações similares. De igual modo, eliminaram-se aquelas ocorrências que demonstravam resultar de um claro erro do autor que, em dada altura, as divulgou. A título ilustrativo, refira-se a ocorrência de 1017, desprovida de qualquer suporte documental e apontada apenas por um autor de entre os consultados por nós, devendo tratar-se de uma confusão com o dado situado em 1117, este mais vezes assinalado na bibliografia (ver Tabela 1). Com mais certeza se afirma que o suposto terramoto de 1279 corresponde a uma ocorrência posterior, e autêntica, datada de 1309 (ver [11]). Mais evidentes são os lapsos que originaram notícias como a de um abalo sísmico em 1320, quando, afinal, ele se deu no ano seguinte, em 1321. É provável que esse erro, por certo de leitura da fonte, tenha sido cometido em 1758, ano em que a data de 1320 parece ter sido publicada pela primeira vez (ver [12], p. 44). Semelhante situação se detectou para o terramoto de 1346, curiosamente com a mesma data do importante tremor de terra de 24 de Agosto de 1356, por sua vez bem documentado (ver Tabela 1).

Foi precisamente o suporte documental que permitiu, nestes e noutros casos, uma devida clarificação. Conforme declarado, as fontes raramente são consultadas pelos investigadores, concorrendo, assim, essa rotina para um fenómeno que, de forma surpreendente, tem condicionado o estudo da sismicidade histórica nacional. Sendo um facto que as fontes medievais não abundam, muito menos as publicadas, deveria ser mais fácil, por isso mesmo, pelo seu reduzido número, proceder a uma corroboração das informações transmitidas por certos autores, em especial aqueles que exerceram uma maior influência na historiografia portuguesa dos terramotos. Todos eles, com uma ou outra excepção, citaram pelo menos uma vez (mesmo que com desacerto) o célebre *Livro da Noa* (ou *Livro das Eras*), manuscrito do século XIV que pertenceu à livraria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Alguns deles aludiram também ao *Livro das Lembranças*, cópia quatrocentista da fonte anterior, ou ao *Chronicon Conimbricense*, redigido na mesma altura [21]. Por constituir um documento inestimável no quadro da historiografia medieval, desde cedo que se procurou disponibilizar o *Livro da Noa* aos eruditos. Em 1739 saiu uma primeira edição, em meados do século XIX uma segunda e cem anos mais tarde a publicação que aqui se seguiu, de 1968 [22].

Tabela 1 - Notícia de ocorrências sísmicas em Portugal continental no período medieval.

DATA	LOCALIZAÇÃO	FONTE DOCUMENTAL	BIBLIOGRAFIA [23]
718-737	Península Ibérica		1989, 25
886-910	Península Ibérica		1989, 25
931-950	Península Ibérica		1989, 26
996	Portugal; Braga		1890, 180; 1989, 27
1009	Portugal (Sul); Lisboa		1822, 102; 1850, 255; 1874, 367; 1880, 551; 1928, 867; 1932, 9; 1989, 28-29
1033, Junho, 29	Portugal; «Lusitânia»	<i>Livro da Noa</i>	1758, 37-38; 1877, 58; 1915, 114; 1932, 9; 1953, 31; 1979, 125; 1984, 12; 1989, 29
1048	Minho; Braga		1890, 380; 1989, 30
1117, Janeiro, 3	Portugal; Lisboa		1822, 102; 1850, 255; 1874, 367; 1880, 551; 1928, 867; 1932, 9; 1989, 30-31
1135	Braga		1890, 381; 1989, 31
1138	Minho; Braga; Guimarães; Lanhoso		1890, 381; 1989, 31
1146	Portugal; Lisboa		1822, 102; 1850, 255; 1858, 5; 1874, 367; 1880, 551; 1928, 867; 1932, 9; 1989, 31-32
1183	Lisboa		1880, 551; 1989, 32
1191	Portugal; Santarém ?		1989, 33
1256	Portugal		1989, 33
1290	Portugal; Lisboa		1822, 102; 1858, 5; 1874, 110; 1880, 551; 1928, 867; 1932, 10; 1989, 34
1309, Fevereiro, 22 (de manhã)	Portugal; Lisboa; Algarve	<i>Livro da Noa</i> <i>Chronicon Conimbricense</i>	1672, 128-129; 1714, 319; 1756b, 14; 1758, 43; 1880, 551; 1908, 135; 1915, 114; 1919b, 294, 370; 1928, 536, 867-868; 1931, 1; 1939, 55; 1953, 31; 1956, 5, 115; 1971, 163; 1989, 35-38
1318, Setembro, 21 (sexta-feira)	Portugal	<i>Livro da Noa</i> <i>Chronicon conimbricense</i>	1758, 43; 1877, 69; 1915, 114; 1932, 12; 1953, 31; 1971, 163; 1979, 125; 1984, 12; 1989, 38-39
1321, Dezembro, 9 (ao nascer do sol)	Portugal	<i>Livro da Noa</i> <i>Chronicon Conimbricense</i> <i>Crónica Alcobacense</i>	1642, 242; 1672, 410; 1744b, 466; 1877, 69; 1874, 390; 1887, 193; 1908, 136; 1919b, 294, 370; 1928, 567, 868; 1939, 55; 1953, 31; 1971, 163; 1979, 125; 1984, 12-13; 1989, 40-42
1337, Dezembro, 24 (antes da meia-noite)	Portugal; Lisboa	<i>Livro da Noa</i> <i>Chronicon Conimbricense</i>	1758, 44; 1877, 69; 1887, 204; 1932, 12; 1939, 55; 1953, 31; 1971, 163; 1979, 125; 1984, 13; 1989, 42-43
1340, Setembro	Portugal; Lisboa		1755a, 16; 1928, 536; 1932, 12; 1989, 43
1344,[Janeiro-Julho]	Portugal; Lisboa e arredores		1571, 825; 1601, 40; 1623, 117; 1640, 190v; 1683, 508; 1735, 386-387; 1758, 44; 1761, 4; 1788, 154; 1868, 144-145; 1872, 28-29; 1874, 110, 367; 1877, 70; 1884, 113-114; 1887, 204-205; 1908, 136; 1909, 10; 1915, 114; 1932, 12; 1939, 55; 1953, 31; 1971, 163; 1979, 125-126; 1984, 13-14; 1989, 43-48

1347, Novembro, 28 (de manhã)	Portugal; Coimbra; Lisboa	<i>Livro da Noa</i>	1758, 45; 1877, 70; 1887, 208; 1928, 536; 1932, 12; 1939, 55; 1971, 163; 1984, 14; 1989, 49-50
1350	Lisboa		1757, 19-20; 1932, 12; 1989, 50
1353	Silves		1880, 378; 1919a, 65
1355, Julho, 11 (sábado, entre as 12 e as 15 horas)	Portugal; Coimbra; Lisboa	<i>Livro da Noa</i>	1758, 45; 1789, 125; 1877, 71; 1915, 114; 1928, 536; 1932, 13; 1939, 55; 1953, 32; 1971, 163; 1984, 14; 1989, 50-51
1355, Agosto, 4 (à meia-noite)	Portugal; Coimbra; Lisboa	<i>Livro da Noa</i> <i>Livro dos Conselhos de D. Duarte</i>	1758, 45; 1789, 125; 1877, 71; 1915, 114; 1928, 536; 1932, 13; 1939, 55; 1953, 32; 1971, 163; 1984, 14; 1989, 50-52
1356, Agosto, 24 (quarta-feira, antes do pôr-do-sol)	Portugal; Alcobça; Lisboa e arredores; Setúbal; Algarve: Silves	<i>Livro da Noa</i> <i>Livro das Lembranças</i> <i>Crónica de D. Pedro I de Castela</i> <i>Chancelaria de D. Pedro I</i>	1601, 77; 1603, 115v; 1642, 243, 530; 1666a, 354; 1683, 340, 570; 1744a, 578; 1751, 9-10; 1755a, 47; 1755b, 12; 1756a, 14; 1758, 45-46; 1788, 154; 1822, 102; 1858, 12; 1868, 145; 1874, 110, 367, 378; 1877, 72; 1880, 551; 1884, 113-114; 1905, 26-27; 1908, 136; 1909, 10; 1915, 114; 1919a, 106; 1919b, 288, 294, 370; 1928, 536, 867-868, 872; 1932, 13; 1939, 55; 1953, 32; 1956, 5, 115; 1971, 163; 1979, 126; 1984, 6-7, 14-15; 1989, 52-65
1357	Portugal; Lisboa	<i>Livro das Lembranças</i>	1666a, 354; 1789, 125; 1858, 12; 1880, 551; 1989, 65
1366, Junho, 18 (ao serão)	Portugal; Lisboa; Algarve: Silves, Loulé	<i>Livro da Noa</i> <i>Livro dos Copos</i> <i>Chancelaria de D. Fernando</i> <i>Chancelaria de D. João I</i>	1758, 46; 1789, 125; 1877, 73; 1915, 114; 1931, 2; 1932, 16; 1939, 55; 1953, 32; 1956, 115, 186, 311; 1971, 163; 1984, 15; 1989, 65-67
1395, Agosto, 20 (sexta-feira, entre as 12 e as 15 horas)	Portugal; Coimbra; Lisboa	<i>Livro da Noa</i>	1758, 47; 1877, 74; 1915, 114; 1928, 536; 1932, 16; 1939, 55; 1953, 32; 1971, 163; 1984, 15; 1989, 68-69
1404, Maio, 3 (a meio da noite)	Portugal; Lisboa	<i>Livro da Noa</i>	1758, 48; 1877, 75; 1885, 254; 1932, 16; 1971, 163; 1984, 15; 1989, 70-71
1435	Alenquer		1873, 17; 1874, 29; 1928, 487
1480	Lisboa		1642, 253-254
1500			1642, 253-254; 1989, 71
1504	Portugal; Coimbra ?; Lisboa Portugal; Lisboa; Castanheira do Ribatejo; Algarve	<i>Crónica de D. Manuel I</i> <i>Livro do Tombo de Propriedades (...)</i> <i>de C. do Ribatejo</i> <i>Da vida e feitos d'El Rei D. Manuel</i>	1666b, 52-53; 1675, 515; 1755a, 48; 1758, 50; 1877, 79; 1884, 112; 1909, 10; 1915, 114; 1919a, 106; 1928, 536; 1932, 193; 1953, 32; 1956, 5; 1971, 163; 1979, 126; 1984, 15-16; 1989, 71-72
1512, Janeiro, 28	Portugal; Condeixa-a-Velha; Lisboa e arredores	<i>Miscelânea</i>	1675, 515; 1755a, 48; 1908, 136; 1928, 567; 1953, 32; 1971, 163; 1984, 16-17; 1989, 72-75
1528, Março, 12 (entre as 8 e as 9 horas)	Alcobça; Lisboa	Código alcobacense n.º 63 <i>Anais de D. João III</i>	1930, 10-11; 1979, 126; 1984, 17

4. TRADIÇÃO HISTÓRICA

Houve já ocasião de assinalar que, no decurso da investigação, se identificou um fenómeno algo peculiar e, mais importante, indutor (se não mesmo gerador) de certas práticas que têm caracterizado o estudo da sismicidade histórica nacional. Com efeito, foi possível detectar que as notícias mais antigas de terremotos registados em cronologias medievais, e veiculadas por autores de diversos quadrantes, têm padecido de uma espécie de contaminação ao longo do tempo, ao ponto de ser verosímil equacionar a existência, em pleno século XIX, de uma «tradição histórica». Esse fenómeno, cuja definição e esclarecimento se afiguram prementes, ganha maior relevância quando se verifica que certas informações falaciosas continuam a ser consideradas irrefragáveis, porque consolidadas pela historiografia. Estamos convencidos de que a origem do problema radica na supramencionada falta de confronto entre as fontes documentais e a sua ulterior manipulação, nem sempre idónea. Com isso, formulam-se más interpretações que, depois de assimiladas, se difundem e se repetem, convertendo-se, com o tempo, em factos históricos. Para além dos exemplos já apontados, detenhamo-nos nos terremotos de 1344 e de 1356.

Visualizando os dados referentes a 1344 na Tabela 1, salta logo à vista o contraste entre a ausência total de menções a documentação e a generosa enumeração de remissões bibliográficas contendo informações, mais ou menos detalhadas, sobre a ocorrência sísmica. Por forma a justificar a nossa argumentação, e para melhor se perceber o alcance do fenómeno aqui revelado, na Tabela 2 transcrevem-se as descrições mais significativas da denominada tradição histórica de uma ocorrência sísmica que não possui um só elemento comprovativo da sua veracidade. Na realidade, a única indicação a um documento contemporâneo do evento remete para uma carta do papa Clemente VI, datada de 3 de Agosto desse mesmo ano (ver, na Tabela 2, 1623). Embora o autor tenha facultado a sua fonte de informação (procedimento pouco frequente nas obras compulsadas, deva-se salientar), não se conseguiu até agora localizá-la [24]. Curiosamente, a inexistência de fontes documentais não impediu a formulação de descrições e, até, de consequências do terremoto. Nas últimas décadas, chegou-se mesmo a determinar o seu epicentro [25].

Tabela 2 - Tradição histórica do terremoto de 1344 (ver [23]).

1571	"Despues el rey Don Alonso ocupandose en gobernar sus reynos, y recuperar las quiebras passadas, uvo grande temblor de tierra y edificios [<i>sic</i>] en la ciudad de Lisboa en el año de mil y trezientos e quarenta y quatro, con terrible espanto y terror de las gentes, cayendo muchos notables edificios de la ciudad: especialmente la Capilla mayor de la yglesia cathedral, que en Portugal llaman Seo (...). En este temblor que no fue el ultimo de esta insigne ciudad, murió el almirante de Portugal";
1601	"En el mismo año que se gano Algezira, (...), con temeroso y descomunal ruydo temblo la tierra en Lisboa, ciudad que esta en la ribera del mar Océano. Y con mucho espanto de las gentes temblaron los edificios, y se cayo el cimborio de la yglesia mayor";
1623	"Ouve nesta occasiaõ em Lisboa hum grande tremor da Terra, com que cahiraõ muitas cazas, e em particular a abobeda da Sê: a vòs commua era ser dado por Deos em castigo das injurias, e extorsões, que el-Rey fazia ao Bispo D. Pedro, e à sua Igreja do Porto. Chegou a fama delle a Avinhaõ, e o Papa Clemente por naõ perder esta occasiaõ de avizar a el-Rey dos males que cometia contra a liberdade da Igreja, tomando occasiaõ do tremor da terra, e das queyxas que o Bispo D. Pedro lhe fazia, lhe pede, e o amoesta faça como verdadyro Rey catholico, e filho da Igreja Romana. He a data da carta a 3. de Agosto do anno de Christo 1344. como refere Bzovio no 14. tomo dos Añaes (...);
1640	"Ouve em Lisboa hu grande terremoto no anno de 1344 de que cahirão grandes edificios, e a capella maior da see";
1683	"Em Lisboa, & seus contornos tremeo nesta occasiaõ a terra com tanta vehemencia, que os edeficios que naõ choraraõ a ruina, sentiraõ o aballo. A Capella Mayor da Sé, por onde naõ arruinou, abriu: era obra de elRey, & em sua fragilidade lhe mostrou o ceo a de suas fantesias; & que naõ edefica a sua Igreja, (...). Deste argumento (ouvidas as partes, & as noticias) fez o Pontifice assumpto para escrever a elRey D. Affonso hũa carta firmada, & expedida em 3. de Agosto de 1344. taõ fertil de santas amoestaçoens, como de paternaes conselhos. Advertia-lhe que a Capella Mayor que edificara para seu enterro, cahida por terra, lhe negava a sepultura, de que a Igreja priva os escommungados";
1735	"(...) un tremblement de terre, qui causa des ravages affreux. Les maisons furent ébranlées, & une partie fut renversée; la voute de l'Église Cathédrale fut abbatue, un nombre infini d'hommes, de femmes, & d'enfants furent écrasés sous les débris des maisons, parmi lesquels se trouva l'Almiral Pecano";

1758	"Houve hum Terremoto grande em Lisboa, que destruiu a Capella mór da Sé, que havia mandado fabricar El Rey D. Afonso IV. Arruinárão-se muitos edificios. Morreu muita gente, e entre esta o Almirante de Portugal";
1761	"(...) ficado por esta causa tão atemorizados os Cidadãos de Lisboa, que em cada balanço, com que a Terra se comovia, não ComTemplavão menos, que hum funesto praesagio da sua deploravel, e infausta ruina; persuadindo-se Todos já, se lhes estava lavrando a sepultura, nos horrorosos abysmos, e profundidades da Terra (...) que já tinham succedido nos annos de 1344";
1868	"Em 1344 um terremoto derrocou o lanço principal, sobre tudo a capella-mor, que D. Affonso IV reedificou, assim como o claustro, e capellas onde se perpetuou o seu nome. Grandissima devia de ser já àquelle tempo a antiguidade da edificação, pois que, apesar da sua solidez, parece ter sido a que então mais padeceu na cidade";
1877	"Sente-se um terremoto em Lisboa, que destruiu a capella-mór da Sé, a qual tinha sido mandada arranjar por D. Affonso IV. Arruinaram-se muitos edificios, morrendo muita gente, e entre ella o almirante de Portugal";
1908	"Neste anno, em dia que não podemos precisar, um grande terremoto flagellou Lisboa, matando muita gente e causando várias ruinas, entre ellas a da capella-mór da igreja cathedral. Clemente VI, num breve apostolico, attribuiu-o a castigo do céu, por el-rei D. Affonso IV andar desavindo com o bispo do Porto";
1915	"Em 1344 houve um terremoto em Lisboa, que destruiu a capella-mór da Sé, mandada levantar por D. Affonso IV; arruinaram-se muitos edificios e morreu muita gente";
1932	"Ocurrió un gran terremoto en Lisboa. Quedaron en ruinas muchos edificios, cayó el cimborrio de la Iglesia Mayor. Murrió mucha gente, entre ellos el Almirante de Portugal";
1953	"(...) no ano de 1344 houve um terramoto que fez desabar muitas casas, não escapando a Capela-mor da Sé que mandara fazer D. Afonso IV, o Bravo, e sua Mulher D. Brites (...), enquanto Mariana diz que, com o temeroso e descomunal tremor de terra, caíram edificios e o zimbório da Igreja Maior (...);
1979	"Epicentro localizado talvez na região de Benavente. Mag.: cerca de 7. Caiu a capela-mor da Sé de Lisboa e ficaram arruinados muitos edificios da capital, tendo morrido muita gente. Foi acompanhado de grande ruído subterrâneo";
1984	"Neste ano, (...) houve um grande terremoto em Portugal, que provocou grandes estragos na região de Lisboa e que foi acompanhado de grande ruído subterrâneo. Ficaram arruinados muitos edificios da capital, tendo morrido muitas pessoas, entre elas o almirante de Portugal".

Menos grave, felizmente, apresenta-se o caso do terramoto de 1356, uma vez que conhecemos várias fontes documentais para o atestar. Além do *Livro da Noa* e do *Livro das Lembranças*, há também notícia da sua ocorrência na crónica de Pedro I de Castela, redigida por Pero López de Ayala (1332-1407) na segunda metade do século [26]. Encontrou-se, ainda, um registo dos reflexos do seu impacto na chancelaria do monarca português, D. Pedro I, reportando-se a um acto lavrado a 30 de Maio de 1361, no contexto das cortes de Elvas. Na Tabela 3 transcrevem-se os excertos dessa documentação. Através da tabela será, então, fácil confrontar as informações contidas nas fontes medievais, por sinal próximas da ocorrência, e os relatos que delas fizeram os numerosos autores que integram a sua tradição histórica. De novo, observa-se que não possuímos elementos suficientes para asserções como as mais descritivas anotações em certas obras consultadas. E, assim, também se afigura forçada a determinação de um epicentro.

Tabela 3 - Fontes documentais e tradição histórica do terramoto de 1356 (ver [23]).

FONTES DOCUMENTAIS

LIVRO DA NOA

Era de mil e trezentos e noventa e quatro annos XXIII.º dias do mes d' Agosto en feria. quarta en dia de Sam Bartholomeu tremeu a terra e per tal guissa que as ca[m]paas se tangiam nos campanarios de seu e muy<tas> casas <e torres e castellos> que cayron <e se abrirom que ficarom pera cai[r]> Per totalas partes do mundo foy este tremor>. E omees que stavam en fortes casas fugiam delas com medo que avian e Esto foy ante que se possesse o Sol durou per spa[ç]o du[m]a quarta d' ora do dia. (IAN/TT – Col. Costa Basto, liv. 43, fls. 22r-v)

LIVRO DAS LEMBRANÇAS

Na era de mjl e ij.º IRiij annos xxiiij.º dias d'Agosto em hũa quarta feyra em dia de Sam Bertolameu tremeo a terra em tal guisa que as campanas se tangiam nos campanarios de seu E muyntas torres casas e castellos E alguuns homeens que stauam em fortelezas cayam com medo E durou per spaço de hum quarto de hora assy o diz o liuro das eras da samcristia. (BPMP – Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cód. 79 (ant. n.º 86), fls. 7r-v)

CRÓNICA DE PEDRO I DE CASTELA

E este año fue el terremoto, vigilia de Sant Bartolomé é cayeron las manzanas que estaban en la torre de Sancta Maria de Sevilla, é tremió la tierra en muchos lugares del Regno en aquel dia, é fizo grande destroimiento en el Regno de Portugal, é en el Algarbe, é derribó la capilla de Lisbona que había fecho el Rey Don Alfonso. (Pero López de Ayala, Chronica del Rey Don Pedro el Cruel, Sevilha, 1542, 215)

CHANCELARIA DE D. PEDRO I

(...) E diziam que ante do tremor da terra soyam d auer na dicta cidade quatro fornos em que coziam pam. (Chancelarias Portuguesas. D. Pedro I (1357-1367), Lisboa, 1984, 248)

TRADIÇÃO HISTÓRICA

- 1601 "Este año temblo en muchas partes la tierra, con grande daño de las ciudades marítimas, cayeron las manzanas de hierro, que estauan en lo alto de la torre de Seuilla, y en Lisboa derribo este terremoto la capilla mayor, que pocos dias antes se acabara de labrar por mādado del rey don Alonso";
- 1603 "Era de mil e trezentos e noventa e quatro annos xxiiij dias do mez de Agosto em feria quarta em dia de S. Bertholameu tremeo a terra por tal guisa q [sic] as campas se tangião nos campanarios de seu, e mtas casas cairão, e os homês q estavam em fortes casas fugião dellas com medo q avião a isto: e foi antes q se pozesse o sol, e durou quarto dora do dia";
- 1642 "A capella, que hoje serue, não he a mesma que edificou el Rey Dom Afonso o 4. porque abrindo esta cô hum grande terremoto, que succedeo em dia de S. Bertholameu apostolo, do anno de 1356 (...);
- 1666a "Parecia tambem que na brandura dos ceos estava vivo o escandalo, porque no anno seguinte de 356 assi se fechãrão todos com a chuva voluntaria, que ardendo por falta della os campos ouve hũa grande fome. A terra fez suas demonstraçoẽs, porq numa quarta feira, a 24 d'Agosto, dia de S. Bertolameu, (...) com tanta força tremeo por tempo d'hum quarto de hora, que os sinos per si mesmos se tangerão : cairãõ muitos edificios, & em Lisboa abrio a capela môr da Sé, onde ElRei se queria sepultar. O tremor, ainda que mais quieto, & cortado a espaços, continuou por todo o outro anno, que já era de 57; & ou fosse com pavor do lastimoso successo da dita D. Inez : ou por temor da fereza do Infante assanhado : ou pronostico da morte d'ElRei (se não era tudo isto) o Reino estremecia";
- 1683 "Só direi que pello anno de 1356, em vinte & quatro de Agosto, com outro movimento da terra, abrio em partes o edificio [da Sé de Lisboa], a tempo que o não teve a vida de elRey para reparar o danno, porque a morte lha tirou no Mayo do anno seguinte (...);
"Em dia de Saõ Bertolameo deste anno de 1356, succedeo hum tremor da terra, assi horriuel, que assombrou a toda a Espanha, persuadindose as gentes, que o mundo se fundia. Das ruinas que cauzou, padeceo Lisboa muyta parte, ficando a memoria dellas estampadas nas brechas, que abrio em muytas partes da Capella mayor da Sé, fabricada a fundamentis por el Rey D. Affonso para sepultura sua, & da Rainha Dona Britis sua mulher";
- 1744a "Neste dia [24 de Agosto] em huma quarta feira, anno de 1356, tremeo a terra em grande parte de Portugal, por espaço de hum quarto de hora: chegarão a tocar-se os sinos, sem outro impulso mais, que o movimento da terra, cahirão muitos edificios, abrio de alto a baixo a Capella môr da Sé de Lisboa; o tremor, ainda que mais quieto, e cortado a espaços, continuou quasi hum anno, cousa nunca vista no mundo até então";
- 1751 "(...) no anno de 1356 reinando em Portugal El Rei D. Afonso IV em dia de S. Bartholomeo, ao pôr do sol, (...) houve tão grandes terremotos neste reino, que arruinãrão torres, protrãrão [sic] grandes edificios, causãrão mortes, e com estes, se me não engano, se subvertêrão nos contornos de Lisboa povoaçoẽs inteiras";
- 1755a "Año de 1356, à 24. de Agosto, fue tan formidable el terremoto en toda esta Peninsula, que en Lisboa se padecieron un sin numero de desgracias";
- 1755b "Não he esta (...) a primeira vez, que a infeliz Lisboa experimenta este terrivel cathastrofe, supposto que nenhum tão violento; parece que o ser sempre habitação dos mais indignos insultos, foi causa de provocar em quasi todos os seculos a justissima vingança do Altissimo; porque no anno de 1356, a 24 de Agosto, tremeo a terra com tão violento impulso por quasi hum quarto de hora, que abrio de alto a baixo a Capella môr da Sé de Lisboa, tocarão os sinos per si, cahirão muitos edificios, e durou o tremor quasi hum anno, ainda que com intervallos, e mais quieto";
- 1756a "Lisboa en 1356, se commoviò à un horrible Terremoto: Sevilla tuvo esta misma consternacion, y al mismo tempo, (...) entonces se cayò en Lisboa la Capilla Mayor, que el Rey Don Alonso acababa de edificar, y en Sevilla dieron en tierra aquella manzanas de hierro, (...);
- 1758 "Em 24 de Agosto em huma quarta feira tremeu a terra em todo Portugal por espaço de hum quarto de hora, tão fortemente, que os sinos se tangerão por si mesmo. Abriu-se a Capella môr da Sé de Lisboa. Cahirão muitas cazas, outras se abrirão, ou ficarão arruinadas. Durou com entrevalos hum anno. Sevilha, Cordova, e outras Povoaçoens de Hespanha padecerão muito. Foi geral em todo o mundo. Este grande terremoto foi muito semelhante ao que depois padeceu Portugal em 1531, e ao que experimentãmos em 1755";

-
- 1788 "Outro terremoto, que atemorizou Lisboa em 2 de Agosto de 1356, e hum raio tornárão a destruir a Capella mór, que D. João o I fez restaurar";
-
- 1822 "Celui du 24 août 1356 dura, avec plusieurs intervalles, pendant un quart d'heure, fit tomber un grand nombre de bâtiments, et fut suivi de plusieurs autres secousses pendant une année entière";
-
- 1858 "Em 24 de Agosto de 1356, tremeu a terra em grande parte de Portugal por espaço de quarto de hora. Chegaram a tocar-se sinos, sem outro impulso mais que o movimento da terra, cahirão muitos edificios e abriu de alto a baixo a capella mor da Sé de Lisboa. O tremor ainda que mais quieto e, cortado a espaços, continuou quási hum anno, coisa nunca vista no mundo até então";
-
- 1868 "Em 1356 novo tremor de terra alluiu a obra reconstruida [da Sé de Lisboa], fazendo-se tambem sentir o maior estrago no cruzeiro e no elevado zimborio que então o rematava";
-
- 1877 "Em 24 de Agosto em uma quarta feira tremeu a terra em todo o Portugal por espaço de um quarto de hora, tão fortemente, que os sinos se tangeram por si mesmo. Abriu-se a capella mor da Sé de Lisboa; caíram muitas casas, ficando outras arruinadas. Durou com intervallos um anno. Sevilha, Cordova e outras povoações de Hespanha padeceram muito. Foi geral em todo o mundo";
-
- 1880 "Em 24 d' agosto de 1356, tremeu a cidade de Lisboa, por espaço de 15 minutos sem interrupção. Cahirão muitos edificios e morreu muita gente";
-
- 1884
"Mas é que foi de véras medonho aquelle dia de S. Bartholomeu. Anda o diabo às soltas, costuma dizer o povo; com bem razão o diria n' esse anno. Derribou o abalo muitas casas, e arruinou outras. O livro da noa de Sancta Cruz o conta, que fez pavor. Durou um quarto de hora. Era à tarde. Tangeram por si mesmas as campas nos campanários, sinistro badalar de Trindades! e fugiam todos os habitantes da cidade em horrível confusão. Havia pouco mais de dois mezes, subira à cathedra episcopal de Lisboa o prelado frances D. Reginaldo, que ausente governava o bispado o seu vigario geral. Teve o desgosto de ouvir que se alluira outra vez (pelo menos em parte) a recém-construida capella-mór; caso de grande agoiro para el-rei, que o tomou como presagio de morte, e em maio seguinte acabou";
-
- 1905 "(...) um monge deixou noticia do grande abalo de 24 de agosto da era de Cesar 1394 (1356); fez grandes estragos prostrando castellos e torres em muitos pontos do paiz; em Alcobaça a igreja soffreu muito, no mosteiro houve ruinas, e caíram muralhas do castelo. Foi ao pôr do Sol";
-
- 1908 "Dizem que o terremoto que nesta data sobresaltou a população de Lisboa, durou mais de um quarto de hora, sendo taes os movimentos do solo que por bastante tempo se ouviram tanger os sinos das igrejas. É de crêr que causasse numerosas victimas.
Derrubou muitos edificios e fendeu de alto a baixo a capella-mór da igreja da Sé, mandada reedificar por D. Affonso IV que na mesma capella instituiu o seu jazigo e o de D. Brites de Castella, sua mulher.
Os abalos sismicos ainda se repetiram diversas vezes durante os meses subsequentes. É tradicional dizer-se desde então que a 24 de Agosto, dia de San-Bartholomeu, *anda o diabo á solta*";
-
- 1919
"Em 24 de Agosto de 1356, Pero Lopes de Ayala narra que neste terremoto caíram as enormes bolas da torre de Santa Maria de Sevilha, a terra tremeu em muitos lugares de Espanha e fez muitas ruinas em Portugal e Algarve";
-
- 1928a "Pelo seculo decimo quarto reinando em Portugal El Rey D. Afonso ouve hum terremoto ao pôr do Sol que a todos encheo de confuzão e succedeo em dia de S. Bartholomeu na era de 1356";
"No anno de 1356 a 24 de Agosto, em tempo de el Rey D. Pedro 1º tremeo a terra na mayor parte de Portugal, por hum quarto de hora, tocarão se os sinos por causa do abalamento de terra, cahirão muitos edificios, abriu se de alto a baixo a capella mór da Sé Velha de Lisboa, continuou quazi hum anno";
-
- 1928b "Porem no seguinte de 1356 4ª feira dia de São Bartholomeu 24 de Agosto ao por do Sol tremeu a terra em grande parte de Portugal por espaço de hum quarto de hora, e com intervallos hum ano; ao impulso do movimento de terra tangerão os sinos, e as cazas cahirão e muitos edificios se abrirão como foy a capela a baixo, que el Rey D. Affonso que então reinava tinha mandado de novo reedificar e fazer sua sepultura";
-
- 1932 "23 ó 24 de agosto – Fué general en todo el mundo. Tembló en todo Portugal por espacio de un cuarto de hora, abriéndose se la capilla mayor de la Catedral, que habia hecho D. Alfonso IV. Se cayeron muchas casas, y otras se agrietaron y quedaron arruinadas. (...) El área macrosísmica fué muy extensa, puesto que resultó violento en Murcia y destructor en puntos tan distantes como Lisboa y Cordoba (380 kilómetros). Algunos dicen que las sacudidas se repetieron durante un año";
-
- 1953 "O de 24 de Agosto do ano seguinte [1356] apontou-se de mais terrível. Por espaço de um quarto de hora sentiu-se o terramoto em todo o país, tão fortemente, que tangeram os sinos dos templos de Lisboa, arrasou casas e abriu outras. Este terramoto foi muito semelhante ao que padeceu a capital e arredores em 1531 e 1755. Durou mais de um ano, com intermitências, «coisa nunca vista»";
-
- 1979 "Epicentro localizado talvez a sudoeste do Cabo de S. Vicente. Mag.: cerca de 8,5. Caiu novamente a capela-mor da Sé de Lisboa (...). Em Lisboa caíram muitas casas e morreu muita gente. Foi sentido fortemente no Algarve. Provocou destruições em Espanha, especialmente na Andaluzia. (...) Foi seguido por grande número de réplicas. Embora não haja qualquer informação relativa a maremoto, admite-se que este sismo, pela localização geográfica da área macrosísmica e ainda pela sua extensão, tenha tido o epicentro no Oceano Atlântico, a sudoeste do Cabo de S. Vicente (...);
-

1984	<p>"No dia 24 de Agosto, quarta-feira, pouco antes do pôr do Sol houve um grande terremoto em toda a Península, que provocou grandes estragos em Portugal. Foi tão forte que provocou o badalar dos sinos das igrejas e abriu de alto a baixo a capela-mor da Sé de Lisboa, que poucos dias antes se acabara de edificar por ordem de el-rei D. Afonso IV (...). (...) caíram muitas casas e outras ficaram arruinadas.</p> <p>Este terremoto provocou grande pânico e destruições em Espanha, especialmente na Andaluzia (...).</p> <p>(...) As réplicas deste sismo prolongaram-se durante um ano. Este sismo parece ter atingido, em Portugal, intensidade semelhante à do que posteriormente ocorreu em 1755".</p>
------	--

5. CONCLUSÕES

Na Figura 1 representa-se o número de sismos de que nos chegaram relatos por século, no intervalo VIII-XVII. Não se procedeu a qualquer selecção baseada na dimensão do sismo, pressupondo-se apenas que o evento foi suficientemente importante para a notícia ter perdurado até aos nossos dias. Os dados utilizados para os séculos XVI e XVII constam da colectânea de 1988-1989 (ver [14]). Ressalta o elevado número de sismos durante o século XIV, superior ao valor correspondente a cada um dos três séculos subsequentes. A análise das datas sugere não se tratar do efeito das réplicas dos sismos mais importantes (1344 e 1356), como se depreende da Tabela 1. Quando muito, poderá suspeitar-se de actividade precursora, nomeadamente na série 1350-1353-1355-1355-1356. A figura sugere actividade sísmica em "cluster", uma característica por vezes associada à sismicidade de tipo intraplaca.

Os resultados alcançados permitiram asseverar da pertinência e, em boa verdade, da grande necessidade de aprofundar o estudo da sismicidade histórica em território nacional, de preferência levado a cabo numa perspectiva pluridisciplinar. O intercâmbio de saberes e competências, ainda que pouco praticado, conta já com alguns exemplos salutares [27], prognosticando certamente avanços reais na historiografia portuguesa dos terremotos. Na sua prossecução, constitui factor determinante a sensibilização da comunidade científica para a importância da investigação histórica em sismologia. Talvez depois se consiga materializar interessantes contributos como a monografia centrada nos terremotos em Granada nos séculos XV e XVI (ver [8]), ou o artigo consagrado aos tremores de terra na Antiguidade Clássica [28].

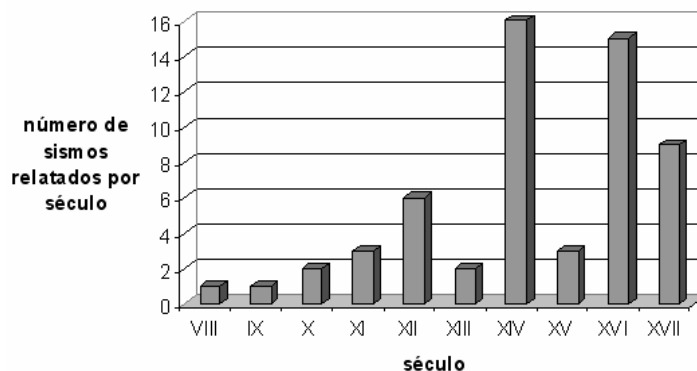


Figura 1: Evolução da actividade sísmica entre os séculos VIII e XVII.

6. AGRADECIMENTOS

Isabel Branquinho, Pedro Pinto, Helena Virgílio, João Luís Fontes, Miguel Gomes Martins, Luís Filipe Oliveira, Cláudia Silveira, Vasco Silva, Leontina Ventura e Saul António Gomes (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Manuela Santos Silva (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e Maria do Carmo T. Pinto (Universidade Aberta, Lisboa). Maria Filomena L. Barros (Universidade de Évora). Santiago Macias e Susana Gómez (Campo Arqueológico de Mértola). Isabel Beceiro Pita e José María Soto Rábanos (CSIC, Madrid).

A investigadora Marisa Costa beneficiou de uma bolsa de investigação no âmbito do Projecto TAGUS2, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e pela União Europeia (FEDER).

7. REFERÊNCIAS

- [1] Por exemplo, (2005) *Proceedings of the International Conference 250th Anniversary of the 1755 Lisbon Earthquake. 1 to 4 November 2005. Lisbon. Portugal*, Lisboa; e (2006) *1755. Catástrofe, Memória e Arte*, Lisboa (actas do colóquio internacional «O grande terramoto de Lisboa. Ficar diferente», realizado a 2 e 3 de Novembro de 2005, e organizado pelo Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- [2] (2005), *O grande terramoto de Lisboa*, 3 vols., Lisboa; Buescu, H.C. e Cordeiro, G. (coordenação) (2005) *O grande terramoto de Lisboa. Ficar diferente*, Lisboa.
- [3] Veja-se o sofrível texto de Dias, J.J.A. (2005) Principais sismos, em Portugal, anteriores ao de 1755, *O grande terramoto de Lisboa*, vol. 1 – *Descrições*, Lisboa, 123-142. Possui apenas a vantagem de oferecer imagens de uma fonte manuscrita essencial para o estudo da sismicidade histórica em Portugal no período em apreço.
- [4] Silva, M.S. e Pinto, M.C.T. (1983) *Estudo da sismicidade histórica*, Lisboa (texto manuscrito policopiado).
- [5] Idem (2006) Alterando a morfologia e a alma da cidade: como foram sentidos em Lisboa os terremotos anteriores a 1755, *1755: Catástrofe, Memória e Arte*, 163-176.
- [6] Silva, V.J.R. (2005) Sismologia histórica de Coimbra. Séculos XIV e XV, *Arquivo Coimbrão. Boletim da Biblioteca Municipal XXXVIII*, 285-301. Não obstante as limitações do seu trabalho, é de saudar a aposta num tema em que é tão difícil inovar.
- [7] Tavares, M.J.F. (2004) Os sinais dos tempos: para o estudo do clima e do litoral português (séculos XII a XVI), *Evolução geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos. Geologia, história, arqueologia e climatologia. Actas do colóquio. Lisboa, 3 e 4 de Junho de 2004*, Lisboa, 451-515.
- [8] Aspectos patentes nas páginas introdutórias de Espinar, M., Quesada, J.J. e Morcillo, J.D. (1994) *Terremotos en Granada (siglos XV-XVI). Edificación y sismicidad*, Almería.
- [9] Mattoso, J. (1988) *A escrita da história. Teoria e métodos*, Lisboa, 13-126; Cruz, M.R.T.B.A. et al. (1987) Algumas observações sobre a recolha e interpretação de dados de sismicidade histórica, *Revista da Faculdade de Letras* 8, 27-43. Este artigo foi publicado em inglês, em (1987) *Jornadas de estudo sobre metodologia para la investigación histórica de terremotos*, Madrid, 71-85. Estas actas possuem outros contributos pertinentes (ainda que algo desfasados em certos casos) para as questões relativas à metodologia, como o de Oliveira, C.S. Some quantitative measurements for calibrating historical seismicity, 37-43; e o de Muñoz, D. e Udias, A. Evaluación de intensidades sísmicas a partir de datos históricos, 207-220.
- [10] Le Goff, J. (1994) *O imaginário medieval*, Lisboa; Fossier, R. et al. (1987) Dieu de la tendresse, Dieu de la crainte, *Les malheurs des temps. Histoire des fléaux et des calamités en France*, Paris, 111-229; Leguay, J.-P. (2005) *Les catastrophes au Moyen Âge*, s.l..
- [11] Veja-se, a título ilustrativo, o erro cometido por Sousa Moreira em 1979, ao situar uma ocorrência sísmica no ano de 1279, quando, na realidade, o abalo deu-se em 1309. Por estar convencido de que os autores anteriores se tinham enganado na leitura da data (fazendo, assim, tábua rasa da unanimidade da informação), revelaria ele, afinal, ignorância no campo da paleografia (Moreira, V.J.S. (1979) Contribuição para o conhecimento da sismicidade histórica de Portugal continental, *Revista do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica* 2 (3 e 4), 124). O erro seria reiterado na sua publicação seguinte (Idem (1984) *Sismicidade histórica de Portugal continental*, separata de «Revista do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica», Lisboa, Março, 12).
- [12] Desde, pelo menos, meados do século XVIII, conforme confirma a clássica obra de Mendonça, J.J.M. (1758) *Historia universal dos terremotos, que tem havido no mundo, de que ha noticia, desde a sua creação até o seculo presente*, Lisboa. Haverá utilidade em consultar Rodríguez de la Torre, F. (1987) Algunas consideraciones en torno a la investigación histórica de la sismicidad histórica, *Jornadas de estudio sobre metodologia para la investigación histórica de terremotos*, 361-368.
- [13] Dificuldades há muito sentidas na investigação histórica sobre a temática, malogrando trabalhos como o de Lopes, J.M.S. (1968) *Os cataclismos em Portugal do século XII a 1348. Subsídios para o estudo da mentalidade face aos flagelos*, Lisboa (tese de licenciatura).
- [14] Aos títulos citados em [4] e [11], acrescente-se Barata, M.R.T. et al. (1988-1989) *Sismicidade de Portugal: estudo da documentação dos séculos XVII e XVIII*, 2 vols., Lisboa.
- [15] Para um enquadramento geral, leia-se Braga, M.L.F. (1986) A polémica dos terremotos em Portugal, *História e Filosofia* V, 545-573.

- [16] Como, por exemplo, Oliveira, C.S. (1986) *A sismicidade histórica e a revisão do catálogo sísmico*, Lisboa; Carrilho, F., Senos, L., Fitas, A. e Borges, F. (1997) Estudo da sismicidade do Algarve e zona atlântica adjacente, *3º Encontro sobre Sismologia e Engenharia Sísmica*, Lisboa, 59-67; Senos, M.L. e Carrilho, F. (2003) Sismicidade de Portugal continental, *Física de la Tierra* 15, 93-110; Sotto-Mayor, M.L.R.M.N.S. (2006) *Risco sísmico em Portugal continental*, Lisboa (tese de doutoramento). Um recurso extensível ao país vizinho, como em Martínez Solares, J.M. e Mezcua, J. (2002) *Catálogo sísmico de la Península Ibérica (880 a.C. – 1900)*, Madrid.
- [17] Sirva de referência a data da síntese que, não obstante as lacunas e os erros, continua a ser a mais recomendável, assinada por Ferreira, M.E.C. (1971) Terramotos, *Dicionário de história de Portugal*, IV, Lisboa, 163-165. Por oposição, dever-se-á evitar Gomes, F. (1994) Terramotos, *Dicionário de história de Lisboa*, Lisboa, 904-905.
- [18] Osório, B. (1919) O terramoto de Lisboa de 1531, *Boletim de 1ª Classe da Academia das Ciências de Lisboa* XII, 14-21; Correia, V. (1920), *O terremoto de 26 de Janeiro de 1531*, sep. de «Arte e arqueologia», Lisboa; Sousa, F.L.P. (1930) *O terremoto de 26 de Janeiro de 1531*, sep. de «Boletim da Academia das Ciências de Lisboa», Nova Série, II, Coimbra; Correia, A.A.M. (1931) *Terremotos antigos. O sismo de 1531 em Coimbra*, sep. de «Revista A Terra», 1, Lisboa; Henriques, M.C., Mouzinho, M.T. e Ferrão, N.M. (1988), *Sismicidade de Portugal. O sismo de 26 de Janeiro de 1531*, Lisboa; Nunes, J.C., Ramalhete, D. e Senos, M.L. (1994) Sismicidade na zona ribeirinha de Lisboa entre o terreiro do Paço e Sacavém, *2º Encontro sobre Sismologia e Engenharia Sísmica*, Porto, I.35-I.44; Senos, M.L., Ramalhete, D., Taquelim, M.J. (1994) Os principais sismos que atingiram o território de Portugal continental, *2º Encontro sobre Sismologia e Engenharia Sísmica*, I.75-I.84; Paula, A. e Oliveira, C.S. (1997) Estudos da distribuição geográfica de efeitos macrossísmicos em Portugal continental, *3º Encontro sobre Sismologia e Engenharia Sísmica*, 69-78; Justo, J.L. e Salwa, C. (1998) The 1531 Lisbon Earthquake, *Bulletin of the Seismological Society of América* 88(2), 319-328.
- [19] Para um panorama da temática, consultem-se Marques, A.H.O. (1974) *Antologia da historiografia portuguesa*, I, 2ª ed., Lisboa, 15-117; e, mais recente, Krus, L. (2001) Historiografia. I. Época medieval, *Dicionário de história religiosa de Portugal*, IV, Lisboa, 512-523.
- [20] Embora antigo, e algo desactualizado, continua a ser de utilidade o manual de Marques, A.H.O. (1988) *Guia do estudante de história medieval portuguesa*, 3ª ed., Lisboa.
- [21] Para além das obras citadas em [19], leia-se Barroca, M.J. (1992) *Nos Confins da Idade Média. Arte portuguesa séculos XII-XV*, Porto, 166-167.
- [22] Sousa, A.C. (1739) *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, I, Lisboa, 375-390; Herculano, A. (edição) (1856) *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*, I, Lisboa, 1-5, 23-32; Cruz, A. (edição) (1968) *Anais, crónicas e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, Porto, 69-99.
- [23] 1571 – Garibay y Zamalloa, E. *Los XL. Libros del Compendio historial de las chronicas y universal historia de todos los reynos de España*, IV, Antuérpia; 1601 – Mariana, J. *Historia general de España*, II, Toledo; 1603 – *Extractos de livros antigos de Santa Cruz de Coimbra* (B.P.M.P., Res. Ms. n.º 414); 1623 – Cunha, R. (1742) *Catalogo dos Bispos do Porto, Addicionado*, 2ª ed., Porto; 1640 – *Discursos compendiosos em que se trata de varias antiguidades, com allegação copiosa de Auctores Chronistas, e Historiadores e declarações das materias em ambas as lingoas Latina, e vulgar Escritos no Anno de 1640, pelo reverendo Doutor Cónego de Guimarães, Simão Vaz Barbosa*, s/l. (Cód. 655, Fundo Geral, BNL); 1642 – Cunha, R. *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, I, Lisboa; 1650 – Brandão, F. (1980) *Monarquia Lusitana*, VI, 2ª ed., Lisboa; 1666a – Esperança, M. *História seráfica da ordem dos Frades Menores da provincia de Portugal*, II, Lisboa; 1666b – Idem, IV; 1672 – Brandão, F. (1980) *Monarquia Lusitana*, VI, 2ª ed., Lisboa; 1675 – Sousa, M.F. *Europa Portuguesa*, II, Lisboa; 1683 – Jesus, R. (1980) *Monarquia Lusitana*, VII, 2ª ed., Lisboa; 1714 – Santa Maria, F. *Anno historico, diario portuguez, noticia abreviada das pessoas grandes, & cousas notaveis de Portugal*, I, Lisboa; 1744a – Idem, II; 1744b – Idem, III; 1735 – De la Clède, N. *Histoire generale de Portugal*, I, Paris; 1751 – *Nova relação das grandes mortandades, ruínas, e assolações, que tem causado os grandes e horriveis terremotos, que tem havido neste presente anno de 1751 (...)*, Lisboa; 1755a – Mariano Nipho, F. *Explicacion physica, y moral de las causas, señales, diferencias, y efectos de los terremotos, con una relacion muy exacta de los mas formidables, y ruinosos, que ha padecido la Tierra desde el principio del Mundo, hasta el que se ha experimentado en España, y Portugal el dia primero de Noviembre de este año de 1755*, Madrid; 1755b – Sousa, J.O.T. *Carta em que hum amigo dá noticia a outro do lamentavel sucesso de Lisboa*, Coimbra, 20 de Dezembro; 1756a – Feijoo, B. *El terremoto y su uso*, Lisboa; 1756b – *Theatro lamentável, Scena*

- funesta: Relaçam verdadeira do Terremoto do primeiro de Novembro de 1755. Com a noticia do estrago, que cauzou em Lisboa (...)*, Coimbra; 1757 – Anunciação, A. *Sermão em acção de Graças*, Coimbra; 1758 – Mendonça, J.J.M. *Historia universal dos terremotos (...)*; 1761 – Corte Real, F.V.S. *Nova Instrução Filosofica estabelecida em varios Experimentos, systemas, e observaçoens pertencentes á Mathematica (...)* e tratando dos dous Terremotos, que se experimentarão em Lisboa, do primeiro do mez de Novembro, do segundo de Março proximo, I, Lisboa; 1788 – Figueiredo, M. *Descripção de Portugal*, Lisboa; 1789 – Barros, J.J.S. Memoria sobre as cauzas da differente população de Portugal em diversos tempos da Monarquia, *Memorias económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas conquistas*, I, Lisboa; 1822 – Balbi, A. *Essai statistique sur le royaume du Portugal et de l'Algarve compare aux autres états de l'Europe*, I, Paris; 1850 – Câmara, P.P. *Diccionario geographico, historico, politico e litterario do reino de Portugal e seus dominios em 1850*, I, Lisboa; 1858 – *Dos tremores de terra, e em especial dos que se sentiram em Lisboa*, Lisboa; 1872 – Guimarães, J.R. *Sumário de varia historia*, I, Lisboa; 1868 – Leal, J.S.M. *Basilica de Santa Maria Maior (Sé de Lisboa), Monumentos Nacionais 5*; 1873 – Henriques, G.J.C. *Alenquer e o seu Concelho*, Lisboa; 1874 – Leal, A.S.A.B.P. *Portugal antigo e moderno*, IV, Lisboa; 1877 – Abranches, J.C. *Convulsões da Terra. Notícias d'estes phenomenos*, Ponta Delgada; 1880 – Leal, A.S.A.B.P. *Portugal antigo e moderno*, IX, Lisboa; 1884 – Castilho, J. (1936) *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*, 2ª ed., II, Lisboa; 1885 – Idem, III; 1887 – Idem, V; 1890 – Freitas, B.J.S. *Memórias de Braga*, I, Braga; 1905 – Pereira, G. *De Bemfica á Quinta do Correio-Mór*, Lisboa; 1908 – Oliveira, E.F. *Elementos para a história do município de Lisboa*, XVI, Lisboa; 1909 – Sousa, F.L.P. *Effeitos do Terremoto de 1755 nas construcções de Lisboa*, Lisboa; 1915 – Pereira, E. e Rodrigues, G. *Portugal. Diccionario historico, chorographico, bibliographico, heraldico, numismatico e artistico*, 7, Lisboa; 1919a – Sousa, F.L.P. *O terremoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico*, I, Lisboa; 1919b – Idem, II; 1928 – Idem, III; 1930 – Idem *O terremoto de 26 de Janeiro de 1531*; 1931 – Correia, A.A.M. *Terremotos antigos. O sismo de 1531 em Coimbra*; 1932 – Galbis Rodríguez, J. *Catálogo sísmico de la zona comprendida entre los meridianos 5ºE y 20ºW de Greenwich y los paralelos 45º y 25ºN*, I, Madrid; 1939 – Sequeira, G.A.M. *O Carmo e a Trindade*, I, Lisboa; 1953 – Estevam, J. Os terramotos e a ponte sobre o Tejo, *Revista Municipal* 57; 1971 – Ferreira, M.E.C. Terramotos; 1979 – Moreira, V.J.S. Contribuição para o conhecimento da sismicidade histórica de Portugal continental; 1984 – Idem *Sismicidade histórica de Portugal continental*; 1989 – Barata, M.R.T. et al. *Sismicidade de Portugal: estudo da documentação dos séculos XVII e XVIII*, II.
- [24] Sobre o contexto histórico do documento pontificio, veja-se Sousa, B.V. (2005) *D. Afonso IV*, Lisboa, 97-136 (sobretudo 131-133).
- [25] Acrescente-se às referências registadas na Tabela 2 o contributo de Nunes, J.C., Ramalhete, D. e Senos, M.L. (1994) Sismicidade na zona ribeirinha de Lisboa entre o terreiro do Paço e Sacavém, I.35-I.44.
- [26] Para o impacto do terramoto em Castela (e para o qual a documentação é mais abundante), leia-se Justo Alpañes, J.L. e Gentil Goyantes, P. (1990) El terremoto peninsular del 24 de Agosto de 1356, *Ingeniería Civil* 74, 34-40.
- [27] Referimo-nos a Costa, P.T., Ferreira, A.M., Bettencourt, O. e Matias, M.J. (1994) Análise da distribuição de danos produzidos pelo sismo de 1755 no bairro da Madragoa, 2º *Encontro sobre Sismologia e Engenharia Sísmica*, I.15-I.23.
- [28] Serra, J.P. (2005) A Antiguidade Clássica e os tremores de terra: *mythos e logos*, *O grande terramoto de Lisboa. Ficar diferente*, 109-136.